

Comunicação e religião: uma perspectiva sensível da comunicação na Umbanda¹

Bruna Teixeira Santos²

Deivison Campos³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Resumo

O presente texto propõe uma reflexão crítica sobre os processos comunicacionais na liturgia umbandista, a partir de uma perspectiva sensível da comunicação (Sodré, 2014 e 2016) e decolonial (Borges, 2020 e Rufino, 2019), provocando um deslocamento da abordagem eurocêntrica para dar conta das possibilidades que um terreiro de Umbanda nos apresenta. Partimos de uma análise bibliográfica e descritiva, buscando compreender como as dimensões simbólicas, afetivas e corporais da comunicação se manifestam nos rituais, nas práticas e na tradição de oralidade da Umbanda. Percebe-se o terreiro como um território comunicacional, no qual os processos de comunicação atuam em uma dimensão sensível, produtora simbólica de sentidos, vínculos e afetação dos sujeitos.

Palavras-chave: comunicação; religião; Umbanda; religião de matriz africana.

Introdução

A religião é um tema que atravessa a vida brasileira e é uma importante chave de entendimento e reconhecimento da história e da sociedade. Dados do IBGE de 2022⁴ apontam que existem 580 mil estabelecimentos religiosos no Brasil, o que mostra como essa terra é atravessada por marcos sagrados. A Umbanda, religião na qual se concentra esse artigo, possui 407.332⁵ brasileiros adeptos, sendo que 34,45% (140.315) são do Rio Grande do Sul. O fator da regionalidade já impacta diretamente na liturgia, ritos e práticas umbandistas, mas ainda há uma série de complexidades e peculiaridades, uma vez que a religião de Umbanda engloba diferenças que abarcam "maneiras as mais diversas de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: bruna.t005@edu.pucrs.br.

³ Professor Doutor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: deivison.campos@pucrs.br.

⁴ Dados parciais do censo de 2022. Disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/02/02/censo-2022-brasil-tem-mais-igrejas-e-templos-do-que-escolas-e-hospitais-somados-veja-ranking-de-estados-mais-religiosos.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

⁵ Dados do censo de 2010. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2023/11/na-capital-gaucha-nao-se-dorme-sem-ouvir-ao-fundo-o-barulho-dos-tambores-do-batuque/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

organizar as giras⁶, cantar os pontos, realizar as oferendas, tocar tambor etc." (Simas, 2022, p. 7-8), resultando em Umbandas. Apesar dessas diferenças, a comunicação é parte importante na liturgia e na ritualística umbandista, assim como na sociabilidade de terreiro, que, no geral, se entende como uma comunidade.

Ao olharmos para a religião de Umbanda, observamos que a comunicação está intrínseca na religiosidade, especialmente na transmissão oral de saberes e das mensagens religiosas. Nesse sentido, a comunicação que habita os terreiros trata da “dimensão do sensível, do afetivo ou da desmedida, para além, portanto, dos cânones limitativos da razão instrumental” (Sodré, 2016, p. 17). Nos rituais mediados pelo toque do tambor ou na relação que se estabelece com as entidades, a prática religiosa pressupõe relacionamento com o sagrado, por isso a comunicação está presente como produtora simbólica de sentidos, vínculos e afetação dos sujeitos (Sodré, 2016).

Embora a religião e a comunicação sejam temas que se atravessam, em se tratando da religiosidade de matriz africana, há poucos estudos olhando para esse cruzo. Ao realizar um mapeamento dos últimos cinco anos (2019 a 2024) dos artigos apresentados no GT Comunicação e Religiões do Congresso Nacional da Intercom⁷, localiza-se um total de 97 estudos. Entretanto, ao refinar a busca a partir de palavras-chave que se relacionam com o universo da religiosidade afro-brasileira, esse número reduz para 7 trabalhos apresentados. Dentre as palavras relacionadas ao tema, constam: Umbanda, Candomblé, Macumba, Terreiro, Axé, Macumbeiros, Gira, Exu e Exúlica. Outro ponto relevante diz respeito ao corpus dos estudos: os títulos das pesquisas apontam para uma abordagem que gira em torno de questões de preconceito e racismo relacionados à religiosidade - em pelo menos 3 pesquisas.

Neste estudo bibliográfico e descritivo, busca-se contribuir para o fomento de mais pesquisas relacionando comunicação às religiões de matriz africana, doravante de olhares que dialoguem com as práticas de terreiro num contexto decolonial e a partir de pensamentos enegrecidos. Procura-se aqui construir caminhos comunicacionais a partir de uma dimensão sensível, compreendendo como se dão os processos comunicacionais

⁶ Gira ou Jira (no idioma quimbundo, nijra, caminho). É o nome que se dá ao principal ritual da Umbanda, no qual constitui-se por cantos e toques de tambor, preces e a invocação de entidades que incorporam nos médiuns.

⁷ Os dados foram acessados nos anais do GT Comunicação e Religiões, no portal da Intercom. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/nacional-2025>. Acesso em: 15 nov. 2024.

no contexto litúrgico umbandista. Para isso, entrelaçamos perspectivas que partem de Muniz Sodré (2014 e 2016), Rosane Borges (2019) e Luiz Rufino (2019).

O terreiro como um território comunicacional

O terreiro de Umbanda, enquanto um espaço religioso, pode ser visto como um território comunicacional, no qual a comunicação transcende o plano material, atuando como mediadora, no campo simbólico e na produção de sentidos. O conceito de território, sobretudo ao falarmos na perspectiva do terreiro⁸, é esse espaço religioso simbólico que possibilita a comunicação com o sagrado, mas mais do que isso, como "o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência" (Santos, 1999, p. 7).

Prescindindo de todo o sentido de comunicação tecnológica, ferramental ou massiva, aqui ganha espaço a comunicação enquanto relação, vínculo, mediação e sensível. Em um contexto que vai na contramão do padrão hegemônico eurocêntrico, como é o caso das religiões de terreiro ou de matriz africana, essa perspectiva é importante, principalmente entendendo que a comunicação é criadora de cultura e cultura contribui para a definição de padrões (Hall, 2016) em uma sociedade ainda muito pautada por um sistema produtor de preconceitos e desigualdades.

Há, portanto, uma configuração simbólica que se estabelece, sobretudo nos cultos afro-brasileiros, que, conforme aponta Sodré, "atestam e continuamente confirmam a presença na História nacional de um complexo paradigma civilizatório, diferencialmente distante do paradigma europeu, centrado nos poderes da organização capitalista e da racionalidade sênica" (Sodré, 2016, p. 208). O que importa nesta cosmovisão é a vivência simbólica do mundo, as relações entre as pessoas, a potência de realização e afetiva das palavras, assim como a alegria (Sodré, 2016). Na dimensão sensível da comunicação, portanto, não cabem concepções de uma comunicação racional e limitadora.

⁸ Para Simas e Rufino (2018, p. 43) "[...] o terreiro pode ser desde o templo/espço em que se fundamenta o saber para a experiência com o sagrado como também o tempo/espço em que se carnaliza essa experiência ou até mesmo ambas as possibilidades em imbricação".

É particularmente visível a urgência de outra posição interpretativa para o campo da Comunicação, capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que o limitam ao nível de interação entre as forças puramente mecânicas e de abarcar a diversidade da natureza das trocas, em que se fazer presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto. Nos fenômenos da simpatia, da antipatia, do amor, da paixão, das emoções, mas igualmente nas relações em que os índices predominam sobre os signos com valor semântico, algo passa, transmite-se, comunica-se, e nem sempre se sabe muito bem do que se trata. (Sodré, 2016, p. 13)

Para falar de comunicação e religiões de matriz africana, portanto, exige uma abordagem pautada em algo que é anterior ao racional, como a ocidentalidade conhece, mas que envolve a afetação e a criação de vínculos e, para isso, o sentir é invocado, trazendo mais um elemento para essa construção: o corpo, pois "sentir implica o corpo, mais ainda, uma necessária conexão entre espírito e corpo" (Sodré, 2016, p. 13). Para mergulhar nessa dimensão comunicacional, entretanto, é preciso um processo de decolonização de mentes e um olhar enegrecido para este campo, de modo a subverter a lógica de discursos dominantes, pois "a comunicação é uma prática do comum cujo objetivo é a criação e manutenção de vínculos" (Borges, 2020, p. 8).

Entender o campo da comunicação a partir desse lugar, principalmente costurado ao tema da religião, em específico as afro-brasileiras, nos possibilita tecer alguns caminhos com ainda mais sentido para essa construção que busca um olhar coletivo, sobretudo levando em consideração a potência do *outro* de modo a localizar o *eu*, os afetos que afetam e possibilitam criar vínculos a partir de perspectivas plurais, pois "todo o projeto de emancipação humana encontra-se nesse processo doloroso de nos pensarmos mutuamente" (Borges, 2020, p. 25).

O vínculo movido por essa dimensão sensível, portanto, deve ser o centro dessa encruzilhada comunicativa e religiosa, tendo em vista, como aponta Borges (2020), que o não estabelecimento do vínculo é justamente o que vem fragmentando a sociedade contemporânea, principalmente no que tange os racismos e outras formas de discriminação na esfera comunicacional. A liturgia da Umbanda, manifestada em roda e pelo canto e a música, demanda dos corpos e dessa vinculação para se realizar. Trata-se, portanto, de um ponto de partida, um pressuposto para uma religiosidade não dogmática.

Nesta perspectiva de uma comunicação relacional, na qual há uma afetação, um sensível e, até mesmo, a dimensão de presença - o que, aliás, dialoga diretamente com a cosmovisão religiosa africanista que traz para o centro o corpo e o sentir -, só é possível

ser com, e, para isso, o vínculo pressupõe permitir perder-se a si mesmo (Sodré, 2016). A linguagem, neste sentido, é mais um elemento da comunicação, tendo em vista que, desta forma, acontece a mediação dos vínculos e se estabelece o território do encontro, afinal, como dizia Paulo Freire (1987) falar é tornar um mundo em comum, que seja um lugar de encontro, permitindo a comunicação, pois “somente na comunicação tem sentido a vida humana” (Freire, 1987, p. 34). No cruzo da comunicação com as religiões de matriz africana, o carregó é semântico, afetivo e cósmico “cada palavra, cada som e cada gesto carregam não apenas as convenções sógnicas de toda língua, mas também a experiência histórica e a *Arkhé* do grupo” (Sodré, 2016, p. 215), reafirmando a dimensão sensível e de presença na comunicação religiosa.

A comunicação na Umbanda: Exu, tambor e as possibilidades sensíveis

*“Vai buscar quem mora longe.
Quem mora longe?
A ancestralidade, que está em outro plano, no plano de Olorum.
E a batida, o tambor, é essa forma de comunicação.”*

Antônio Carlos Côrtes

Nos saberes de terreiro, o verso está atado e abre caminho, é unânime: “*sem Exu não se faz nada*”. É Exu⁹ quem vem antes e é sempre o primeiro a comer; é ele o senhor da comunicação, o mensageiro e o criador das possibilidades: “Exu é o senhor de toda e qualquer forma de linguagem e comunicação, assim como também é o dono da encruzilhada.” (Rufino, 2019, p. 63). Por isso, tratando-se da comunicação de terreiro, é preciso iniciar reverenciando e assentando Exu nessa conversa, pois é ele quem abre caminho para tecermos as possibilidades que a encruzilhada comunicacional nos apresenta, assim como é Exu quem possibilita que a comunicação aconteça entre o mundo espiritual e o material, entre o *Orun*¹⁰ e o *Ayé*¹¹, afinal ele “é o princípio comunicativo entre os seres, as divindades e os ancestrais. Exu é a substância que fundamenta as existências; é a linguagem como um todo.” (Rufino, 2019, p. 23).

⁹ Exu, neste caso, trata-se de um Orixá. No entanto, nas linhas de Umbanda há a manifestação de entidade (espírito) que vibram na Linha de Exu.

¹⁰ Orun ou Òrun vem da língua Iorubá e significa “céu” ou “mundo espiritual”.

¹¹ Ayê ou Àiyé vem da língua Iorubá e significa “terra” ou “mundo físico”.

Exu nos ajuda a compreender que a comunicação no universo de um terreiro de Umbanda apresenta uma lógica que é anterior à racionalidade ou a forma ocidental de ver o mundo, sobretudo quando o corpo é invocado para o centro como um produtor de saberes, o que a razão, que opera sob efeitos coloniais, não é capaz de processar. Nesse sentido, o corpo é entendido como um campo que gera discursos verbais e não verbais, logo a dimensão da corporeidade ganha centralidade. Sobretudo em ritos nos quais há a transmissão de saberes e valores que ocorrem através do corpo “recebe-se o axé das mãos e do hálito dos mais antigos, de pessoa a pessoa numa relação interpessoal dinâmica e viva” (Sodré, 2016, p. 211). Neste contexto, “a dimensão racional e semântica da linguagem é posta em segundo plano pela dinâmica afetiva, mítica e simbólica do axé” (Sodré, 2016, p. 211). Portanto, embora a palavra seja um estado e condição de presença no mundo, continua-se a produzir comunicação mesmo quando não há manifestação verbal (Rufino, 2019), pois os atos discursivos podem ser “proferidos por meio de palavras, imantados com saliva, hálito, sopro e ritmo, ou através de outras formas, enunciadas com os corpos e encantadas no transe. Exu é o senhor de todos os signos e sentidos.” (Rufino, 2019, p. 56-57).

O terreiro, enquanto um espaço de conexão com o sagrado, torna-se um território no qual a ambiência comunicacional está estabelecida diante de todos os ritos e símbolos presentes. Manifestam-se nos terreiros, em um rito como a Gira, as entidades cultuadas para atender, dar consulta e curar um consulente. Neste processo, há o médium que é a pessoa que incorpora a entidade e, através dele, ela baixa no terreiro trazendo mensagens, palavras de conforto, fazendo uma limpeza, no caso dos pretos velhos, com um galho de arruda, ou mesmo para oferecer um abraço à pessoa que está ali em busca de acolhimento.

Figura 1 - Consulta com entidades em Gira de Preto Velhos



Fonte: Casa do Perdão, maio de 2024. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/C6sLnD3t27Z/?img_index=1. Acesso em 20/11/2024.

Neste inter-relacionamento dinâmico é transmitido o axé “em que a linguagem é indissociavelmente semântica, afetiva e cósmica” (Sodré, 2016, p.215). O axé, revitalização de força vital, movimenta um terreiro, é potência, realização e uma força energética de divindades, ancestrais e das pessoas que integram a comunidade.

Axé, entretanto, é ao mesmo tempo individual e coletivo - há o *axé* dos deuses, dos indivíduos vivos e dos ancestrais -, um múltiplo de *impulsos biossimbólicos* no quadro de uma potência de realização e de comunicação da comunidade, atravessado por um sincretismo de afetos e práticas de elaboração e absorção, imprescindíveis ao conhecimento iniciático. Por meio dele, homem e coisa, ser vivo e matéria interpenetram-se real e metaforicamente, renovando a potência de expansão do grupo, o que implica para cada um e para todos existência plena (integridade corporal, saúde, realizações, etc.) e devir grupal assegurado (Sodré, 2016, p. 211).

Sodré (2014) apresenta também o conceito de *médium*, no qual faz uma relação com a religião afro-brasileira e os estudos midiáticos. Em um terreiro, o médium é o sujeito que incorpora uma entidade e, nesse processo, é acoplado um espírito ao corpo. Nos estudos midiáticos, o conceito está relacionado com o fluxo de comunicação que se torna ambiência existencial, quando integrado a um dispositivo técnico. Nesse sentido, é

parte dessa ambiência a música composta pelo toque do tambor que acompanha os pontos cantados para firmar os trabalhos de um ritual. Um ponto muito tradicional para a chamada de Caboclos¹² no terreiro começa evocando: *tambor, tambor, vai chamar quem mora longe, é tambor*¹³. O tambor, portanto, é mais um elemento que estabelece comunicação com as entidades e os orixás nesta ambiência comunicacional que se torna o terreiro de Umbanda, com isso “a potência do *axé* afina-se com a sua energia polissêmica, cujos elementos básicos (melodia, harmonia, ritmo, timbre, tessitura, etc.) produzem matrizes e matrizes de som, contempláveis pela imaginação e passíveis de absorção pelo corpo.” (Sodré, 2016, p.212). O toque do tambor, unido ao canto dos pontos, possibilita a renovação dos vínculos e a expansão do *axé* das entidades e da comunidade de terreiro.

A dinâmica estabelecida, por meio da música, nessa ambiência comunicacional que se torna o terreiro, produz efeitos de presença, envolvendo o umbandista e inserindo-o num contexto de agregação humana, de festa e alegria. Sodré (2016) diz que na cosmovisão afro:

É o espaço litúrgico que cria os saberes da festa, isto é, os cânticos, os toques percussivos, os gestos e os passos coreográficos de base. Dessa organização rítmica e gestual origina-se uma matriz corporal, que se desterritorializa e viaja, acionada pela alegria. Efetivamente, a comunhão e o júbilo coletivos fazem parte da natureza profunda do culto às divindades. (p. 213).

É possível perceber muitos desses elementos em um vídeo¹⁴, recentemente divulgado pelo programa Profissão Repórter, na rede social Instagram. Trata-se de uma Gira de Exu que ocorre na Casa do Perdão, um terreiro de Umbanda no Rio de Janeiro. A mãe de santo, Flávia Pinto, está pronta para receber a sua pombagira¹⁵, ela encontra-se rodeada de pessoas alegres com a chegada da entidade. Os adeptos, que se misturam entre

¹² Caboclos são entidades que personificam os indígenas brasileiros.

¹³ Ponto cantado “Vai chamar quem mora longe, tambor”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5ZbvwmcrkHQ>. Acesso em: 14 nov. 2024.

¹⁴ O vídeo publicado pelo programa Profissão Repórter é uma chamada para anunciar o próximo programa que vai ao ar. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/DCmhDdEM07d/?igsh=MXg5ZmN4OHdlZzJ3Zg%3D%3D>.

Acesso em: 22 nov. 2024.

¹⁵ Pombagira é uma entidade que simboliza a liberdade da mulher nessa sociedade patriarcal. São espíritos que se apresentam sem amarras, gargalham, bebem e representam tudo que desejam sem se preocupar com o dito comportamento padrão para uma mulher.

médiuns, cambones e consulentes¹⁶, jogam pétalas de flores, cantam pontos e dançam ao toque do tambor. A própria pombagira, chamada de Dona Figuera, quando chega em terra mostra a relevância da música para o ritual: *“quem puder aí, como diz, cantar nós ajudamos. Se tiver atabaqueiro...”*. Na sua fala, a evocação pela alegria do toque do tambor acompanhado pelo canto, algo fundamental no território comunicacional que é um terreiro. Logo, a encruzilhada comunicacional apresenta possibilidades várias, mas, em se tratando da comunicação que ocorre dentro do terreiro de Umbanda, todos os caminhos direcionam para essa dimensão sensível que afeta, contagia e cura. É a morte¹⁷ que reencanta a vida.

CONSIDERAÇÕES

Há muitas formas de abordar a relação entre a comunicação e a religião. No que tange às religiões de matriz africana, no entanto, há um universo a ser explorado - especialmente no contexto da religião de Umbanda. Entretanto, é preciso que haja um tensionamento acerca da epistemologia comunicacional entendida a partir da perspectiva eurocêntrica, uma vez que os processos comunicacionais na liturgia umbandista exigem um deslocamento de olhar para uma dimensão sensível (Sodré, 2016), que encruza-se à encruzilhada de Exu, o senhor da comunicação que atua no campo das possibilidades, buscando caminhos que desviem da égide da violência colonial.

Para traçar um caminho comunicacional neste contexto umbandista, foi necessário trazer para a conversa autores que possuem outras perspectivas. Com isso, emergiram autores como Luiz Rufino, que não está diretamente no campo da comunicação, mas que aborda os saberes de terreiro para a construção de alternativas educacionais e entende que “as epistemologias das macumbas rompem com a lógica dominante ocidental, que se orienta por um corpo que se movimenta contrário à sua cabeça.” (Rufino, p. 29, 2019).

¹⁶ Médiuns são os iniciados no rito e que incorporam entidades, cambones são iniciados, ou não, que prestam assistência às entidades e as processualidades do rito e os consulentes são as pessoas que frequentam por simpatizarem, cultuarem e buscarem apoio espiritual e social junto às entidades.

¹⁷ Para os povos de terreiro, a morte tem outro significado. Costuma-se dizer que quem morreu virou um encantado, ou seja, encantou-se com a vida.

Considerando que o próprio terreiro de Umbanda se torna um território comunicacional, entende-se que em tudo há um processo comunicacional que é atravessado por essa dimensão sensível. Desde a musicalidade representada pelos tambores e os cantos, que são essenciais para a comunicação com a espiritualidade, até a comunicação inter relacional que ocorre entre a entidade - médium - consultante, que pode ser através da fala ou de uma série de produções simbólicas. Sendo, portanto, um espaço rico para explorar e aprofundar ainda mais a temática da comunicação neste contexto de religiosidade afro-brasileira, especialmente a partir de autores que possam dar conta deste cenário.

REFERÊNCIAS

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BORGES, R. **Mídias, racismos e outras formas de destituição**: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação. In: Corrêa, Laura Guimarães (org.). *Vozes Negras em Comunicação: Mídia, racismos, resistências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**: Exu como educação. *Revista Exitus*, Santarém, v. 9, n. 4, out./dez. 2019. Disponível em:
<<https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1012>>

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, L. A. **Umbandas**: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SANTOS, M. **O território e o saber local**: algumas categorias de análise. *Cadernos Ippur*, v. 2, p. 15-25, 1999.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2016.